

SP

ANO 13 | Nº. 35 | Agosto de 2025



CÂNCER



TRAVESSIA DE SUPERAÇÃO

Mais de uma centena de pacientes com câncer de mama encontraram no remo uma oportunidade de reabilitação física, mental e social no programa Remama, que completou 12 anos de atividades

BATE-PAPO

Profa. Dra. Maria Del Pilar Estevez Diz, diretora de Corpo Clínico do Icesp, fala sobre a sua trajetória na oncologia

ENSINO E PESQUISA

Icesp abriga a maior unidade pública, em parceria com a USP, para estudar diagnósticos e terapias contra o câncer

PROTAGONISMO EM SAÚDE



A inovação e a modernização da rede de cuidados aos pacientes com câncer evoluem no Brasil. Não na velocidade que todos nós desejamos, mas com marcantes iniciativas e muitas delas no âmbito do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo.

O Laboratório de Patologia reforça o protagonismo da Instituição esperado pela comunidade científica, pelo setor de saúde e por milhões de brasileiros. Uma inovação disruptiva desde a sua concepção. Por meio dessa iniciativa, o Icesp, seus profissionais e seus pacientes ganham qualidade e precisão nos procedimentos.

O Instituto também se destaca como precursor ao integrar o Centro de Estudos e Tecnologias Convergentes para Oncologia de Precisão (C2PO), iniciativa da USP que tem uma de suas sedes no próprio Icesp. Com a missão de impulsionar no âmbito da pesquisa pública em saúde, inovações em diagnósticos e tratamentos do câncer, o centro reúne universidades brasileiras e internacionais em uma colaboração estratégica.

Histórias de superação sempre fizeram parte de nossa trajetória. Como os 12 anos de atividade do Remama, referência nacional e internacional na recuperação e reintegração social de pacientes que tiveram câncer de mama, projeto que deu origem inclusive a um brilhante e emocionante livro com relatos inspiradores.

São muitas outras ações no Icesp a serem descritas. Por isso, trazemos a cada edição uma atualização desse ecossistema complexo, repleto de inovação, dedicação, pesquisa e formação de profissionais de alto nível para o futuro.

Boa leitura!

Prof. Dr. William Nahas – Presidente do Conselho Diretor do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo Octavio Frias de Oliveira

BATE-PAPO

MARIA DEL PILAR ESTEVEZ DIZ, DIRETORA DE CORPO CLÍNICO DO ICESP, FALA SOBRE SUA TRAJETÓRIA NA MEDICINA, PESQUISA E VIDA ACADÊMICA

04

POR DENTRO DO ICESP

LABORATÓRIO DE PATOLOGIA DENTRO DO CENTRO CIRÚRGICO DO ICESP POSSIBILITA MAIOR RAPIDEZ E PRECISÃO NAS ANÁLISES DE TUMORES

08

ESPECIAL

12 ANOS DO REMAMA E SUA TRAJETÓRIA BEM SUCEDIDA DE REABILITAÇÃO E INSTRUMENTO DE PESQUISAS SOBRE A RECUPERAÇÃO DE PACIENTES

10

ENSINO E PESQUISA

EM PARCERIA COM A USP, ICESP ABRIGA A MAIOR UNIDADE PÚBLICA DE ESTUDOS DO PAÍS PARA DESENVOLVER DIAGNÓSTICOS E TERAPIAS CONTRA O CÂNCER

14

BEM-ESTAR

OBESIDADE PODE AUMENTAR RISCO DE CÂNCER E AFETAR SEU DIAGNÓSTICO

16

ICESP EM DESTAQUE

PROGRAMA EXPERIÊNCIA DO PACIENTE ACOMPANHA A JORNADA DO TRATAMENTO ONCOLÓGICO PARA APRIMORAR CONTINUAMENTE A ASSISTÊNCIA EM SAÚDE

20

ESPAÇO CIDADÃO

TIRE SUAS DÚVIDAS SOBRE VISITAS TÉCNICAS AO ICESP

23

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Diretora - Profa. Dra. Eloísa Silva Dutra de Oliveira Bonfá
Vice-Diretor - Prof. Dr. Paulo M. Pêgo Fernandes

Fundação Faculdade de Medicina
Diretor-Presidente da Organização Social de Saúde OSS/FFM
Dr. Arnaldo Hossepian Salles Lima Junior

Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP
Superintendente - Eng.º Antonio José Rodrigues Pereira
Diretor Clínico - Prof. Dr. Edivaldo Massazo Utiyama

Instituto do Câncer do Estado de São Paulo Octavio Frias de Oliveira
Presidente do Conselho Diretor - Prof. Dr. William Nahas
Vice-Presidente do Conselho Diretor - Prof. Dr. Carlos Alberto Buchpiguel
Diretora Executiva - Joyce Chacon Fernandes
Diretora de Corpo Clínico - Profa. Dra. Maria Del Pilar Estevez Diz
Gerente de Comunicação e Jornalista Responsável - Maria Fernanda Rodrigues
Matérias: Alex Petrow, Ed Castro, Elias Rodrigues, Everton Calício, Júlio Moredo, Octávio Coelho e Samara Meni
Diagramação: Newton Livramento Villas Boas
Endereço: Av. Dr. Arnaldo, 251, Cerqueira César, São Paulo/SP - Cep 01246-000
Telefone: (+5511) 3893-2000
Site: www.icesp.org.br
Ctp, impressão e acabamento - Margraf

UMA VIDA DEDICADA À SAÚDE PÚBLICA

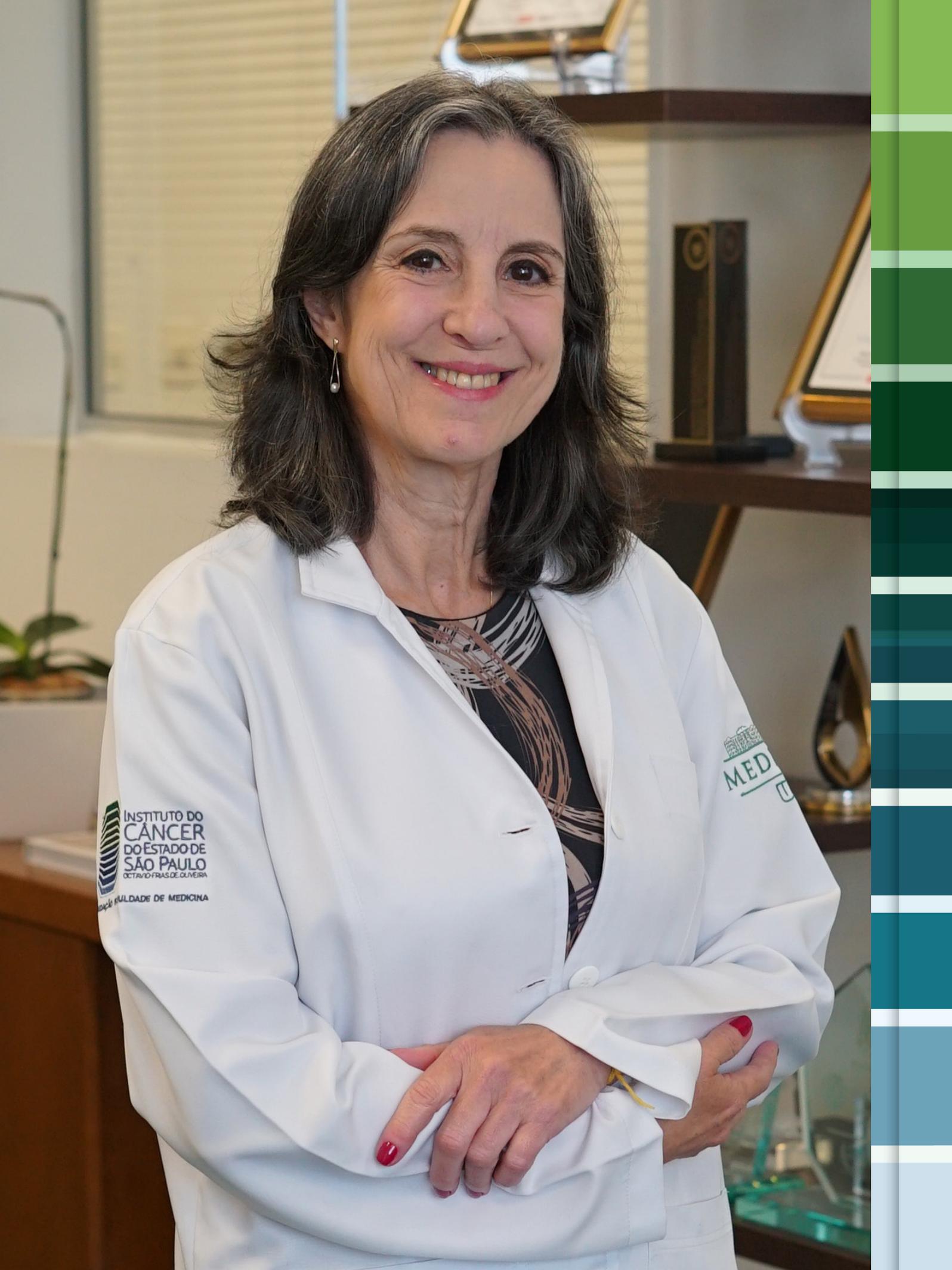
Diretora de Corpo Clínico do Icesp, Profa. Dra. Maria Del Pilar Estevez Diz, conta a sua trajetória na oncologia, pesquisa e vida acadêmica

O bate-papo desta edição conta sobre a carreira da médica oncologista, diretora de Corpo Clínico e coordenadora médica da Oncologia Clínica do Icesp, Profa. Dra. Maria Del Pilar Estevez Diz.

Pilar, como é conhecida e gosta de ser chamada, é livre docente em oncologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), tem mestrado em Oncologia e

doutorado em Ciências e Oncologia pela mesma Instituição, graduação em Medicina também pela FMUSP e residência médica em Hematologia e Hemoterapia pelo Hospital das Clínicas. Atuou em diversos serviços da rede pública de saúde e retornou ao Complexo do HC e à FMUSP.

Nesta entrevista, a médica lembra a trajetória na Medicina, como se interessou pela oncologia, pesquisa e vida acadêmica.



INSTITUTO DO
CÂNCER
DO ESTADO DE
SÃO PAULO
OCTÁVIO FRIAS DE OLIVEIRA
FACULDADE DE MEDICINA

MED

SP Câncer – Conte um pouco sobre sua trajetória na Medicina, em especial na oncologia.

Profa. Dra. Maria Del Pilar Estevez Diz – Entrei na Faculdade de Medicina da USP em 1977 e fiz a Residência em Hematologia e Hemoterapia no Hospital das Clínicas. Já na hematologia percebi maior afinidade pelos pacientes portadores de linfomas, leucemias e mielomas. Os tratamentos ainda eram insuficientes, os pacientes muito graves, e os resultados não eram satisfatórios. Terminada a residência, eu fui trabalhar na rede pública de saúde e, pouco depois, entrei no Hospital Universitário da USP.

Ao estar novamente exposta ao ambiente universitário e acadêmico, percebi a necessidade de voltar a estudar de maneira organizada e decidi fazer o mestrado em oncologia na FMUSP e migrar para a oncologia clínica. Durante algum tempo, ainda trabalhei com hematologia e hemoterapia. Naquela época, os bancos de sangue ainda estavam em fase de regulamentação e reorganização. Vivenciei essa fase de estruturação, e é muito interessante o progresso que tivemos nessa área, de um sistema precário para uma hemoterapia moderna e excelente. Quando o ambulatório da oncologia clínica foi organizado no Instituto de Radiologia (INRAD), fui convidada a participar dele, convite aceito imediatamente. Trabalhei ativamente na implantação desse ambulatório, incorporamos alguns leitos de enfermagem, e migrei definitivamente para a oncologia clínica.

Posteriormente foi criado o Centro de Oncologia, que permitiu a ampliação e consolidação do serviço, defendi o doutorado em ciências, também na área de oncologia, e migrei a minha atuação fundamentalmente para o HC, no INRAD. Depois disso, o Prof. Dr. Paulo Hoff assumiu a oncologia clínica, tornou-se titular da cadeira, e esse foi um momento de enorme desenvolvimento, em todos os sentidos, profissionalmente e pessoalmente. Em 2008 foi inaugurado o Icesp, e nos transferimos para este gigante. Ter feito parte da organização de um centro de alta complexidade que se propunha a ter um alto nível de atendimento na assistência, pesquisa e ensino, além de manter a perspectiva de ser um hospital humanizado, foi muito importante para mim.

SP Câncer – Como foi trabalhar esse período na rede pública de saúde e depois voltar ao HCFMUSP?

Profa. Pilar – Foi bom ter trabalhado na rede pública de saúde, eu aprendi muito e fui testemunha

do esforço que muitas pessoas fazem para conseguir prestar o atendimento na saúde e colocar o sistema para funcionar. Vemos também as dificuldades, que, às vezes, não são pontuais, mas que acontecem de maneira sistêmica e trazem prejuízo para a prestação de serviço. O que mais me impressionou, realmente, foi a dedicação de muita gente para que o SUS funcione. Conhecer essa porta de entrada na saúde nos ajuda a compreender a realidade e a refletir sobre que políticas você pode implementar para tornar esse fluxo melhor para aquele paciente que precisa de tratamento, da porta de entrada até o atendimento especializado.

SP Câncer – Como você se interessou pela pesquisa e pela vida acadêmica?

Profa. Pilar – Acredito que tenha sido esse foco inicial na vida prática, no dia a dia. Ter vivenciado essa rotina que não deixa espaço para pesquisa e para vida acadêmica. Fui trabalhar logo depois no Hospital Universitário da USP, e foi nesse momento que voltei a ter contato com os alunos da graduação, com os residentes e com a pesquisa. Pude perceber que a atividade acadêmica me fazia muita falta. Eu gosto muito da assistência, o contato com o paciente para mim é uma questão essencial. Mesmo agora, com uma série de tarefas administrativas, eu nunca deixei de ter atividades diretamente ligadas com a assistência dentro do Icesp. Eu fiz Medicina para, de alguma forma, contribuir com o bem-estar das pessoas, uma relação de troca, que é muito intensa na oncologia. Além disso, para mim é importante estudar de uma maneira organizada, com propósito e com foco, passar informação, dar aulas, participar da formação de colegas, seja do aluno da graduação, residente ou pós-graduandos de várias áreas, e contribuir para construção do conhecimento.

SP Câncer – As suas pesquisas são dedicadas a câncer ginecológico, de mama e hereditário. Conte um pouco.

Profa. Pilar – Minhas pesquisas são principalmente sobre câncer ginecológico e câncer hereditário. Como, por exemplo, o câncer do colo do útero, que ainda é um câncer prevenível, que poderia ser diagnosticado precocemente, mas ainda é uma causa de morte importantíssima no nosso país e nos países em desenvolvimento. Temos um longo caminho a trilhar. Já o câncer hereditário é uma área relativamente nova, que vem ficando cada vez mais forte. Hoje, nós identificamos um conjunto de síndromes hereditárias, ou seja, síndromes nas



INSTITUTO DO
CÂNCER
DO ESTADO DE
SÃO PAULO
OCTAVIO FRIAS DE OLIVEIRA

quais as pessoas herdaram um gene com mutações que classificamos como patogênicas, fato que confere a elas uma alta predisposição para câncer. Essas pessoas precisam ser acompanhadas de uma maneira diferente, elas precisam fazer exames em uma frequência e momentos que não são os da população em geral, com a finalidade de reduzir seu risco de desenvolver essas neoplasias. Para facilitar essa investigação nós montamos no Icesp o GOOA - Grupo de genética multidisciplinar para Orientação de Oncogenética e Ancestralidade.

SP Câncer – Como a Profa. vê o tratamento do câncer nos próximos anos?

Profa. Pilar – Eu vejo que caminhamos para tratamentos com maior eficiência, mais específicos e com menor toxicidade. Mas eu também vejo que nós não vamos abandonar os tratamentos clássicos. A cirurgia vai continuar tendo o seu papel, assim como a radioterapia e a oncologia clínica aumentaram o seu arsenal terapêutico e, na maioria das vezes, a possibilidade de cura é dada a partir da melhor combinação possível e da melhor sequência possível. Acho que caminhamos dentro desses avanços.

SP Câncer – Conte um pouco sobre suas funções no Icesp.

Profa. Pilar – Sou coordenadora da oncologia desde o início das atividades do Icesp, e essa é para mim uma atividade muito importante, uma vez que nós temos vários grupos de atuação e precisamos de uma certa uniformidade para o desenvolvimento da equipe. Penso que, para exercer a atividade de coordenação, é necessário criar os elementos de facilitação para que cada grupo dentro da oncologia possa se desenvolver e fazer suas tarefas com tranquilidade. Criamos rotinas para que as coisas possam funcionar e fluir, rotinas de relacionamento

com a rede pública, de entrada, de saída, para que as pessoas não precisem se preocupar com isso. Mais recentemente assumi a diretoria de corpo clínico, um grande desafio e um grande aprendizado, olhar para o conjunto dos médicos do hospital, garantir a integração entre as áreas e entre os demais institutos do complexo. É um prazer e sinto orgulho em fazer parte desse processo. E todos esses processos precisam estar ligados, perfeitamente, à pesquisa e ao ensino, fundamentais para a formação de bons médicos e bons especialistas.

SP Câncer – A Medicina e a oncologia são áreas de grandes desafios, como você lida com isso? E qual é a importância de ter atividades de lazer e hobbies como forma de “descompressão” na carreira médica?

Profa. Pilar – A Medicina em geral é uma atividade emocionalmente pesada, envolve muitas responsabilidades, e a tomada de decisão. Na oncologia, isso é muito intenso. Muitas vezes o paciente está em estado grave, a doença é grave e nós temos a correta percepção de que não podemos errar, e isso pode trazer uma sobrecarga emocional. Para mim, o hobby tem que ser algo que ocupe, de maneira prazerosa, mente e corpo. Há alguns anos, compramos um sítio na Serra da Mantiqueira. Eu adoro andar, adoro verde, plantamos oliveiras e tenho me dedicado a isso. Aprendi muita coisa, vi que existe um tempo certo para tudo. Tempo para plantar, o cuidado deve ser continuado, existe a época correta para podar, colher, e você não consegue atropelar esses tempos. A natureza precisa ser respeitada. No final, o produto, o azeite, consolida todo esse processo, uma prazerosa recompensa. Esse hobby-trabalho-lazer é como um poema, que me aproxima da natureza, das pessoas e me tem feito muito bem. ■

INTEGRAÇÃO COM EFICIÊNCIA

Laboratório de Patologia dentro do centro cirúrgico do Icesp possibilita maior rapidez e precisão nas análises de tumores de pacientes

Com novos equipamentos e estrutura de máxima eficiência em limpeza e exaustão, o Laboratório de Patologia integrado no mesmo ambiente onde são realizadas as operações é uma ferramenta voltada ao aprimoramento da jornada do paciente no hospital.

Peça fundamental no processo de tratamento dos pacientes com câncer, o Laboratório de Patologia é responsável pela análise das amostras de tecidos e alterações estruturais, funcionais e antigênicas das células, para que os médicos determinem o tipo de tratamento, identifiquem o grau de agressividade da doença e definam a dimensão de cirurgias, quando necessárias.

Segundo o chefe do Laboratório de Patologia do Icesp, Prof. Dr. Evandro Sobroza de Mello, as novas instalações trazem ao Icesp as mais modernas técnicas com o objetivo de garantir a qualidade das amostras tumorais e promover uma aproximação fundamental para a rapidez

do diagnóstico do tipo de câncer do paciente no centro cirúrgico.

“São duas grandes conquistas para o trabalho do Icesp: o fato de receber a peça imediatamente para análise; e estar ali, no mesmo espaço, para o caso de o cirurgião querer ouvir os patologistas se achar necessário. Atualmente, grande parte das cirurgias em nossa instituição utilizam a presença do patologista para tomarem suas decisões no intra-operatório”, afirma o professor.

Essa maior integração dos especialistas trouxe um ganho adicional, nas palavras do chefe do Laboratório de Patologia do Icesp. “Por estar dentro do centro cirúrgico, a gente já coleta o tecido e congela para uso em pesquisas atuais e futuras. Tudo isso é integrado ao biobanco do Icesp. Esse material será importantíssimo para o desenvolvimento de novos estudos de tratamentos e abordagens nos mais variados tipos de tumores”, explica o Professor.





Qualidade

Viabilizado integralmente por recursos extraorçamentários, a integração do laboratório ao centro cirúrgico também aumentou o nível de segurança do paciente e dos profissionais, além de otimizar o trabalho e reduzir o tempo de liberação do resultado.

“O cirurgião, quando se depara com um tecido a olho nu, nem sempre consegue identificar até onde a doença se estende. É aí que a integração do Laboratório de Patologia ao centro cirúrgico se mostra potente, pois os patologistas avaliam microscopicamente o tecido, norteados os cirurgiões no sentido de decidir entre retirar mais conteúdo ou encerrar a cirurgia”, afirma o Dr. Leandro Biazon, médico especializado em administração hospitalar e assistente médico da Diretoria Executiva do Icesp, responsável pela gestão do projeto.

Segundo ele, o ganho de qualidade com a integração é importante, tanto para o paciente, quanto para o sistema de saúde, pois resulta em gasto com eficiência. “A execução do projeto levou cerca de quatro meses e os ganhos beneficiam não apenas os pacientes, mas também os colaboradores do Instituto. Atuar em um ambiente mais moderno e seguro, com um processo de trabalho otimizado, traz motivação para toda a equipe”, explica.

Tomada de decisões

“O patologista cirúrgico vive o dia a dia do hospital, por isso ele tem de fazer parte do

processo de tomada de decisão no centro cirúrgico”, afirma o Prof. Dr. Venâncio Avancini Ferreira Alves, professor titular do Departamento de Patologia da FMUSP e membro do Conselho Diretor do Icesp.

O Professor ressalta que essa integração é um grande marco na estrutura hospitalar. “Aqui o médico patologista está junto das demais equipes médicas, facilitando assim a formação de profissionais para uma integração maior, viabilizando ensino e pesquisa a partir da própria atividade assistencial. A integração dos vários laboratórios de Patologia do Complexo HC-FMUSP e o escaneamento das lâminas possibilita ouvir a opinião de patologistas ao redor do mundo das mais diversas especialidades”.

Segundo ele, essa convergência das especialidades de diagnóstico médico dentro do centro cirúrgico começa a ser tendência em países com centros de medicina de ponta. “A patologia ter sido instalada no centro cirúrgico faz com que a radiologia, e, já imaginando, a própria endoscopia num futuro breve, logo estejam integradas também para aprimorar a jornada do paciente”, explica.

A integração do Laboratório de Patologia ao centro cirúrgico não é prática comum. Para se ter uma ideia, custos dos serviços de patologistas que têm laboratórios distantes de hospitais incluem até taxa de deslocamento do profissional. “Num dia de muito trânsito ou chuva, isso atrasa o processo e resulta em custos adicionais. A integração do Laboratório de Patologia ao centro cirúrgico do Icesp é uma quebra de paradigma em termos de agilidade, eficiência e troca de informações com cirurgiões”, diz. ■



12 ANOS DE REMAMA

Programa do Icesp, inspirado em um movimento mundial, utiliza o remo para promover a reabilitação física, mental e social de pacientes com câncer de mama e já beneficiou mais de 100 mulheres

“Remar e remar e remar, e não ter vergonha de ser feliz”. Esse é um dos cantos que ecoam semanalmente pela Raia Olímpica da Universidade de São Paulo (USP), na zona Oeste. O coro de vozes femininas da paródia de “O que é, O que é?”, de Gonzaguinha, é um dos hinos das participantes do projeto Remama, do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (Icesp).

Lançado em maio de 2013, o programa Remama foi criado para desmistificar e revolucionar a reabilitação de pacientes com câncer de mama por meio da prática de esporte.

Hoje, duas vezes por semana, um grupo de 56 mulheres se reúne em um dos cartões postais da cidade de São Paulo para praticar remo. Com uniforme rosa, cor símbolo da luta contra o câncer de mama, elas se unem para colocar o belo e imponente barco dragão em movimento.

Realizado pelo Icesp em parceria com a Rede de Reabilitação Lucy Montoro, ligada à Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência e, também,

ao Centro de Práticas Esportivas da USP (Cepeusp) e à Escola de Educação Física e Esporte da USP, o Remama já beneficiou mais de 100 pacientes de diferentes idades, etnias e classes sociais, unidas pela mesma luta: vencer o câncer de mama.

Inspiração

O Programa Remama é inspirado em um movimento mundial de superação da doença por meio do remo, que teve início em Vancouver, no Canadá, ainda nos anos 1990.

Na época, o professor Donald McKenzie, médico especializado em Medicina Desportiva da *University of British Columbia*, colocou um grupo de mulheres que lutavam contra o câncer de mama em um “dragon boat” (barco extenso com o formato da cabeça e da cauda do dragão) para

estudar o impacto da canoagem em pacientes mastectomizadas.

“A doença nos apresentou, nos colocou no mesmo barco, e a saúde nos mantém unidas!”

Denise Reis Chagas
Gerente da Equipe Remama Dragão Rosa



Em 1996, McKenzie formou a “*Abreas In A Boat*”, a primeira equipe rosa de *dragon boat* e, alguns anos depois, em 2010, fundou a *International Breast Cancer Paddlers’ Commission (IBCPC)*, instituição máxima da área, que hoje envolve equipes de 37 países diferentes.

Três anos depois foi a vez de o Icesp criar o Remama e passar a oferecer a pacientes que realizaram cirurgia ou sessões de quimioterapia para tratar o câncer de mama na unidade mais uma opção para reabilitação física, voltada para o treinamento com exercícios de remo, realizados no Centro de Reabilitação do Instituto, e posteriormente, ao ar livre, na Raia Olímpica de Remo da Universidade de São Paulo (USP).

Trajatória

O programa Remama contava inicialmente com 12 vagas para treinamento no remo ergômetro, ativador cardiovascular e muscular, no Centro de Reabilitação, que logo foi para “campo”, utilizando os barcos disponíveis na raia da USP.

Maria do Carmo Alves de Oliveira foi a primeira paciente inscrita. Para ela, além de devolver a alegria perdida ao saber que, por conta da doença, teria que parar de praticar natação, o programa também fortaleceu a fé, a confiança e a importância do trabalho em equipe.

“Serei eternamente grata ao programa por essa

oportunidade, a mim e às minhas novas amigas que estão comigo, literalmente, no mesmo barco”, afirma Maria do Carmo.

“Remar com elas é mais que um tratamento, é amor, amizade e cumplicidade.

Obrigada amigas do Remama!”

**Tânia Regina Graziano
Integrante do programa.**

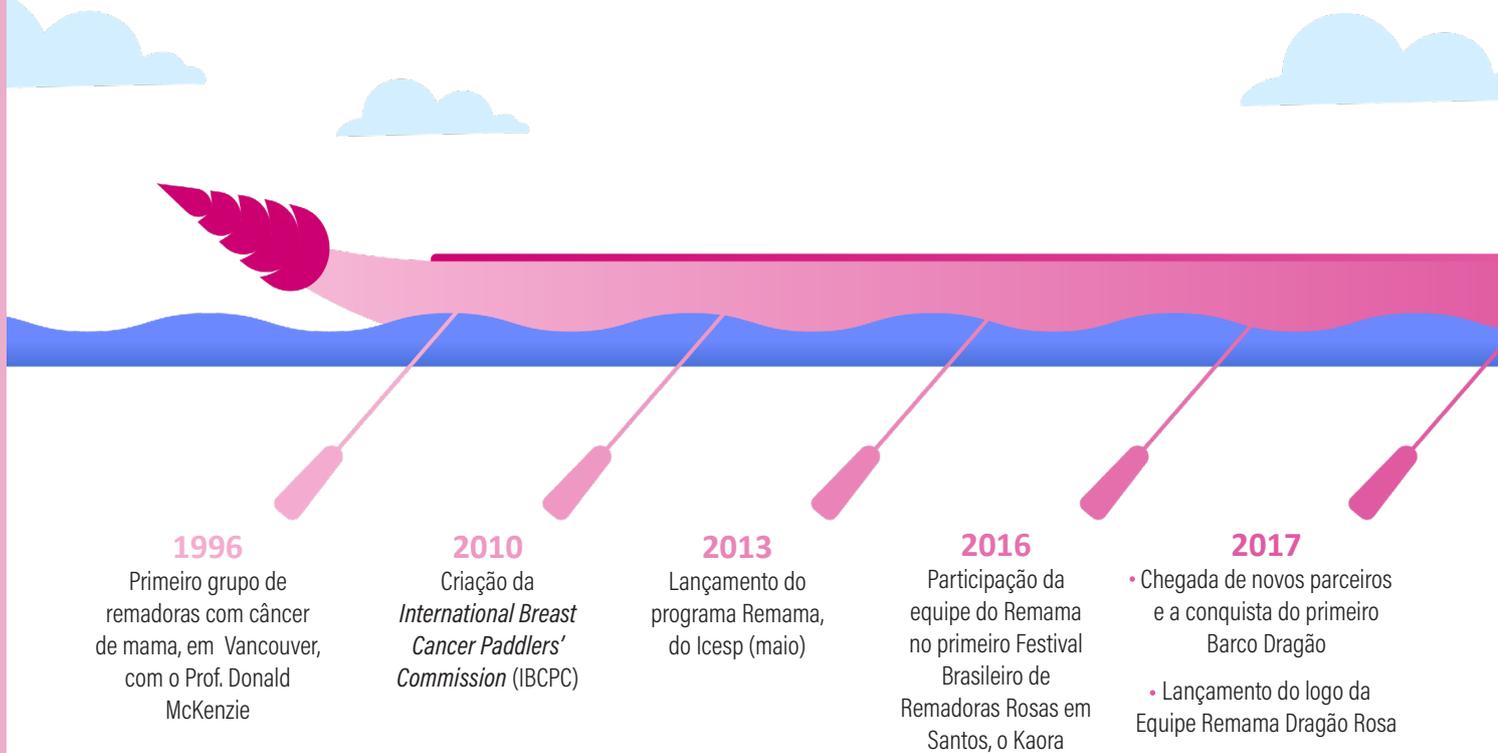
Com a chegada de mais pacientes, em 2016, a equipe participou do primeiro evento brasileiro de abrangência internacional, o Kaora, em Santos (SP). Realizado em parceria com a IBCPC, o evento contou com a participação de remadoras de diferentes estados brasileiros, inclusive canadenses, e do Prof. Dr. Donald McKenzie, que impulsionou o movimento internacional.

Essa visibilidade abriu caminho para novas parcerias. Com a chegada da Associação para a Educação, Esporte, Empreendedorismo e Direitos dos Pacientes da Divisão de Reabilitação do Hospital das Clínicas (AEDREHC), em outubro de 2017, o Remama conquistou seu primeiro Barco Dragão, que comporta até 20 remadoras.

“É um marco importante, pois, além da ampliação para 20 vagas, o barco proporcionou que todas as pacientes treinassem juntas, reforçando o espírito de equipe e a integração”, destaca Profa. Dra. Christina May Moran de Brito, idealizadora e uma das coordenadoras do Remama até 2024.

Neste mesmo período, teve início também a parceria com a Escola de Educação Física e Esporte da USP, por intermédio da Profa. Dra. Patrícia Brum, onde a atuação de estudantes de educação física proporcionou uma nova frente de pesquisa atrelada ao programa.

Em 2018, além da participação no 1º Festival



Paulista de Remadoras Rosas, realizado na represa de Guarapiranga, a equipe do Remama alçou voos ainda maiores, rumo ao primeiro evento no exterior: o *Dragon Boat Festival* da IBCPC, em Florença, na Itália.

Benefícios

Em um passado não muito distante, a prática de exercícios físicos, principalmente com foco em membros superiores, era tratada com cautela para pacientes com câncer de mama em decorrência do risco de linfedema.

A doença ocorre quando o líquido linfático não consegue ser drenado e se acumula nos tecidos, causando inchaço. O risco é grande após cirurgia de tumores mamários, já que, em muitos casos, são retirados também os linfonodos da região.

De acordo com a Profa. Dra. Christina Brito, o programa foi essencial para quebrar esse paradigma e consolidar a importância do exercício nesse tipo específico de câncer.

“Hoje está claro que o exercício é remédio para quem tem câncer de mama. Estudos apontam que o tônus muscular auxilia na drenagem da linfa, desde que realizado com moderação da forma correta”, explica Christina.

“A prática do remo ajuda em questões essenciais para essas mulheres, como a fadiga

e a dor, presentes em até 90% dos pacientes, além de auxiliar na melhora de distúrbios do sono e transtornos do humor, como depressão e ansiedade”, destaca.

Há ainda outros benefícios, como melhora da imunidade, diminuição do estresse oxidativo e da inflamação sistêmica, além da melhora da composição corpórea (redução de gordura), reduzindo a disponibilidade hormonal.

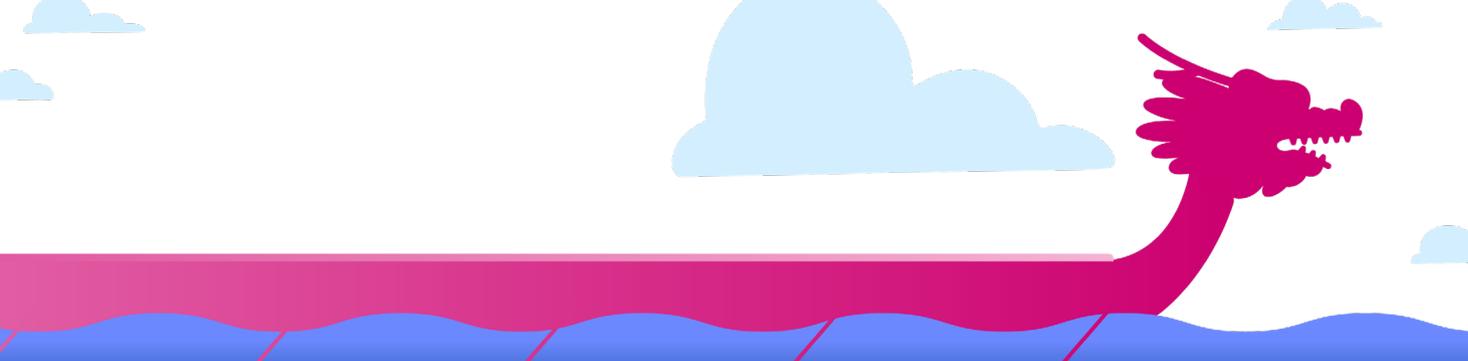
José Carlos Farah, diretor do Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo, destaca que os benefícios do remo vão muito além das questões fisiológicas, proporcionando mais qualidade de vida às pacientes que, no momento da reabilitação, têm a oportunidade de trocar o ambiente hospitalar por um lúdico, como a Raia Olímpica da USP.

“Lá, voltam a se encontrar com a vida, seja pelo convívio com outras pessoas que passam por situações semelhantes, pelo acolhimento que o programa proporciona ou pelo ambiente saudável de um lugar agradável e leve que é a Raia Olímpica”, complementa Farah.

Ensino e pesquisa

A parceria com a Escola de Educação Física e Esporte da USP, por intermédio da Prof^a. Dra. Patrícia Brum, deu origem a um importante viés do programa: a pesquisa.

“Você vai sempre encontrar a vida no mesmo lugar e na mesma hora: no aqui e agora. E não se esqueça: desistir de viver, jamais!”
Nilzabete Santana Costa, integrante do programa.



2018

Participação no 1º Festival Paulista de Remadoras Rosas e no primeiro evento no exterior, o *Dragon Boat* Festival da IBCPC, em Florença, na Itália

2020

O projeto recebe o Selo de Direitos Humanos e Diversidade, concedido pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo

2023

10 anos do programa Remama com o 1º Simpósio Internacional de Exercício e Câncer, 3º festival Paulista de remadoras Rosas e o lançamento do livro "Mar de Rosas"

2024

Chegada do segundo Barco Dragão

“O Remama é pioneiro no Brasil ao agregar ao ensino e pesquisa um terceiro pilar, o da extensão, que traz benefícios diretos à comunidade”, destaca Patrícia, que também é remadora e integra o time da USP.

No programa, os estudantes e pesquisadores participam ativamente das atividades, tanto no ambiente hospitalar, quanto na Raia Olímpica. As linhas de pesquisa envolvem questões relacionadas à imunidade, saúde cardiovascular, cognição, aptidão física, controle dos efeitos adversos do tratamento e bem-estar físico das pacientes em tratamento e remissão do câncer de mama.

Entre os resultados dessa parceria está o RemamaON, criado em meio a pandemia de Covid-19, e posteriormente rebatizado de ONcoFITT.

“Durante o isolamento social identificamos que 90% das pacientes pararam de realizar atividades físicas e apresentaram ganho significativo de massa corporal. Então, o RemamaOn foi desenvolvido para ajudá-las a manter a prática de exercícios físicos nesse período, e segue ativo como um complemento

das atividades físicas desenvolvidas na raia”, explica Prof^a. Dra Patrícia Brum.

O Remama também integra uma parceria internacional que busca mensurar os impactos

dos exercícios físicos regulares no sistema imunológico das pacientes.

Para a professora, o programa é diferenciado, pois “consegue prover o melhor e mais completo atendimento às pacientes, com a curadoria de profissionais científicos e de saúde muito bem preparados”.

Mar de Rosas

Para marcar a primeira década do Remama, foi lançado o livro “Mar de Rosas – A beleza em meio à turbulência advinda do câncer de mama”, que reúne os depoimentos de 46 mulheres integrantes do programa, além de profissionais envolvidos diretamente nas ações.

Neles, as protagonistas relatam sobre suas experiências de vida, o momento do diagnóstico, as batalhas cotidianas, o tratamento, resultados e principalmente a paixão que as une: a remada. Há ainda belas imagens da fotógrafa Julia Campi Pita Gallan. ■

“No barco dragão, eu esqueço tudo e me torno uma mulher forte, guerreira

- eu venci o câncer“
Leila Maria Vieira Pereira Pinheiro
Integrante do programa

O livro está disponível para download gratuitamente no site do Icesp





PESQUISA A SERVIÇO DA VIDA

Em parceria com a USP, Icesp abriga a maior unidade pública multidisciplinar de estudos do país para desenvolver diagnósticos e terapias contra o câncer

O Centro de Estudos e Tecnologias Convergentes para Oncologia de Precisão (*Comprehensive Center for Precision Oncology*, ou *C2PO*), criado pela Universidade de São Paulo (USP) e com uma das sedes no Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (Icesp), é a maior unidade pública de pesquisa da área no Brasil.

O *C2PO* é um avanço na ampliação das redes que buscam inovações em diagnósticos e tratamentos de câncer, envolvendo universidades brasileiras, da América Latina e institutos científicos da área.

O projeto, coordenado pelo Prof. Dr. Roger Chammas, professor titular do Departamento de Radiologia e Oncologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e coordenador do Centro de Investigação Translacional em Oncologia (CTO) do Icesp, promove formas mais precisas de diagnóstico e tratamento com base na Oncologia de Precisão.

A organização do *C2PO* começou em abril de 2023 e, em 2024, iniciou os estudos com o objetivo de promover a integração entre médicos e docentes, que podem atuar no Icesp e no Centro de Oncologia do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto.

Além do incentivo à formação de pesquisadores mais preparados para essa visão ampla do tratamento do paciente com câncer no Sistema Único de Saúde (SUS) como um dos principais objetivos do projeto, são apresentadas novas terapias com uso de medicação, radiação, moléculas e células que favorecem a imunidade. Outro aspecto importante é a possibilidade de permitir que o centro interaja com a indústria biotecnológica brasileira para transferência de tecnologia.

A medicina de precisão alia os dados já utilizados para diagnóstico e tratamento – sinais, sintomas, história pessoal/familiar e exames complementares amplamente utilizados – ao perfil genético do indivíduo.

Do ponto de vista do tratamento, isso permite a escolha de drogas que minimizem efeitos colaterais e que produzam os melhores resultados.

Sob a ótica da prevenção, permite a detecção da susceptibilidade a certas patologias, mesmo antes que elas se manifestem clinicamente, possibilitando seu monitoramento e até mesmo prevenção.

“A descoberta de novos tratamentos para a doença é de grande importância ao passo que ela evolui de forma rápida nos pacientes. As pesquisas aceleram o processo de descoberta de novas formas diagnósticas e de tratamento do câncer, aliado à missão de formar profissionais nesse ambiente, que priorizam a educação para comunicação de resultados da pesquisa científica para diversos setores da sociedade”, avalia o Prof. Roger.

O professor explica ainda que é possível realizar análises genômicas, transcriptômicas e metabôlicas para comparar grupos de pacientes que respondem à terapia e grupos de pacientes que não respondem à terapia, e a partir daí tentar entender a natureza da diversidade do câncer.

Uma rede colaborativa trabalha para a realização desse conjunto de estudos em parceria com empresas e grupos acadêmicos externos. Pesquisadores de diversas unidades da USP, incluindo Faculdade de Medicina, Instituto de Ciências Biomédicas, Instituto de Biociências, Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Odontologia, Veterinária, Química, Física, Matemática, Engenharia, bem como do Instituto Butantan e de unidades de São Carlos, Ribeirão Preto e Piracicaba estarão

envolvidos nos esforços multidisciplinares. O grupo conta ainda com colaborações da Unifesp, da Fiocruz e do Laboratório Nacional de Biociências, entre outras instituições nacionais.

Produção científica

Por meio da cooperação entre pesquisadores e unidades, essa iniciativa visa alavancar o número de trabalhos na área, justificando a criação de um centro de estudos voltado para a produção acadêmica e científica.

“O Centro de Estudos e Tecnologias Convergentes para Oncologia de Precisão ajuda a organizar a pesquisa de qualidade sobre os diferentes tipos de câncer para trazer respostas sobre formas mais rápidas de diagnóstico, novos tratamentos e organizar novos protocolos clínicos”, ressalta o Prof. Roger.

“Existe verba para as pesquisas. É importante trabalharmos juntos, assim conseguimos organizar os trabalhos de maneira mais ampla e profunda no diagnóstico e tratamento do câncer”, finaliza o Prof. Roger. ■





ALTO RISCO

Obesidade aumenta chances de desenvolvimento de tumores

A obesidade aumenta o risco de desenvolvimento de mais de dez tipos de câncer, em relação à população em geral. É o que indicam estudos de diversas entidades, como o *National Cancer Institute (NCI)* dos EUA, que analisaram evidências consistentes de que grandes quantidades de gordura corporal aumentam, sim, o risco de se ter a doença.

O maior volume de evidências que estabelecem essa relação foi extraído de estudos de coorte, que analisam, em uma população definida previamente, qual será a incidência de determinada doença. “Avaliando os dados obtidos de diversas pesquisas, é possível estimar que a chance de uma pessoa com obesidade desenvolver câncer é 20% maior do que a da população em geral”, afirma a oncologista e diretora de Corpo Clínico do Icesp, Profa. Dra. Maria Del Pilar Estevez Diz, que também é professora da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP).

Até o momento, dos mais de 200 tipos de câncer mapeados na literatura médica, a obesidade está relacionada a 13 deles: de tireoide, rim, fígado, pâncreas, mama (na pós-menopausa), ovário, estômago e vesícula biliar. Tal elo foi identificado também com o câncer colorretal, sanguíneo (mieloma múltiplo), do endométrio (tecido que recobre internamente o útero), esôfago e do tecido que reveste a medula espinhal e o cérebro (meningioma).

Assim, entidades de extrema relevância no cenário da saúde mundial seguem realizando

trabalhos dedicados a analisar a relação entre obesidade e câncer. Uma fonte de dados sobre o tema é um estudo publicado no *The New England Journal of Medicine* pela Agência Internacional de Pesquisa em Câncer, ligada à Organização Mundial de Saúde (OMS). A agência analisou, em 2016, dados coletados em mais de mil estudos sobre o assunto, chegando à conclusão de que a ausência de gordura corporal em excesso reduz o risco de ocorrência do câncer.

Outra pesquisa, veiculada na revista *Nature Communications*, também possui uma série de dados relevantes sobre o assunto. Ela foi realizada com 223 pacientes, dos quais foram analisadas a cultura celular de tumores de mama. O trabalho demonstra que a adaptação celular à obesidade é conduzida por um derivado da gordura – o ácido palmítico. Tal adaptação provoca alterações significativas em células-tronco, que tornam-se carcinogênicas (que podem provocar câncer), deixando de produzir tecidos saudáveis.

“É importante reforçar que não estamos falando de um leve sobrepeso e sim de obesidade, com Índice de Massa Corporal acima de 30”, afirma o diretor técnico da Divisão de Oncologia do Icesp, Prof. Dr. Paulo Hoff. “Infelizmente, nos próximos anos, é bem provável que observemos um aumento na quantidade de casos de câncer relacionados ao excesso de gordura corporal, tendo em vista que, atualmente, quase 60% dos brasileiros já enfrentam sobrepeso e risco de atingir a obesidade”, diz.

Mas por quê?

É importante salientar que os motivos para que a obesidade se apresente como um dos fatores para o desenvolvimento do câncer seguem sendo estudados, mas é possível afirmar que a ciência já identificou, ao menos, três razões capazes de explicar essa relação. Uma delas está relacionada à insulina, hormônio que aumenta o metabolismo, assim como a duplicação celular, fato que pode desencadear tumores. A obesidade aumenta a quantidade de insulina no organismo, potencializando também os riscos do surgimento destes males.

Outro risco identificado é a produção de progesterona e estrogênio, hormônios que também acabam sendo produzidos pelo tecido gorduroso, um dos fatores de risco, especialmente para mulheres obesas na pós-menopausa, para o desenvolvimento do câncer de mama.

Por fim, a inflamação crônica se apresenta como o terceiro ponto. Uma das consequências da obesidade é a produção de determinadas citocinas, substâncias que acabam deixando a pessoa em um permanente estado inflamatório, situação que aumenta o risco de câncer.

A recorrência dos tumores é outra questão que tem sido observada em pessoas obesas. Estudos epidemiológicos indicam que mulheres obesas ou que engordaram depois do tratamento

oncológico enfrentam maiores riscos de retorno da doença. Neste caso, o motivo apontado são os níveis elevados de estrogênio, que geram complicações no organismo.

É de se imaginar que, com tantos dados à disposição, essa relação já seja amplamente conhecida dentre os profissionais de saúde, correto? Infelizmente não. A falta de conhecimento deste elo entre obesidade e o câncer, inclusive dentre os médicos, tem se mostrado como um dos riscos mais significativos à saúde e ao tratamento dos pacientes.

“Grande parte da comunidade médica ainda não tem o devido conhecimento sobre esse assunto, mesmo com o volume de evidências coletadas nos últimos anos. É seguro afirmar que a maioria dos médicos, infelizmente, ainda não vê a obesidade como um fator de risco para câncer. Essa mudança de olhar é cada vez mais necessária e poderá nos ajudar a entender melhor como a obesidade contribui para o surgimento de tumores. Isso naturalmente resultará em tratamentos melhores, mais assertivos contra o câncer em pacientes obesos, além do surgimento de novos medicamentos para combatermos a doença”, diz Prof. Dr. Paulo Hoff.

Por isso, seja você um paciente em tratamento contra o câncer ou não, a orientação é a mesma: busque se manter no peso ideal, com alimentação equilibrada e prática regular de atividades físicas.



É seguro dizer que a obesidade pode ser considerada como um dos problemas nutricionais mais comuns dentre as populações de países desenvolvidos. Porém, cada vez mais esta enfermidade tem crescido também em nações em desenvolvimento, como na América Latina. A associação entre um estilo de vida mais sedentário (relativamente comum em grandes centros urbanos) com a má alimentação é considerada uma das maiores causas do aumento dos índices de obesidade pelo planeta, inclusive entre crianças e adolescentes.

Desta forma, a Nutrição se mostra como uma grande aliada no combate à obesidade. O ideal é que a perda de peso ocorra de forma gradual, combinada com acompanhamento nutricional a longo prazo. Os nutricionistas têm um papel muito importante na orientação da qualidade da alimentação, visando um peso saudável e sustentável, e no incentivo da melhora do estilo de vida, com uma alimentação equilibrada somada à prática de exercícios físicos.

Dentre os fatores que podem explicar o crescimento dos índices de obesidade pelo mundo está o consumo excessivo de açúcares

e de gorduras presentes em alimentos ultraprocessados. Além disso, o baixo consumo de alimentos in natura ricos em fibra soma-se aos hábitos alimentares ruins, que podem levar à obesidade.

O sedentarismo também contribui para o ganho de peso. Para manter o peso ideal, o indivíduo deve combinar atividade física frequente, melhoria da qualidade do sono, ter um hábito intestinal saudável e, sem dúvidas, uma alimentação de qualidade e equilibrada, considerando suas necessidades nutricionais e respeitando sua cultura.

Aumentar a oferta de alimentos *in natura*, ricos em fibras, como, por exemplo, frutas, verduras e legumes variados, é necessário inclusive para contribuir para o bem-estar do indivíduo. Precisamos considerar até a saúde mental para dar equilíbrio no controle da obesidade. O consumo de cereais, grãos e oleaginosas, como amêndoas, nozes e castanhas, também colabora para o controle do peso. Incluindo ou aumentando o consumo desses alimentos, a obesidade pode ser controlada ou evitada. ■



RECEITAS SAUDÁVEIS

Granola de Frigideira

Ingredientes:

1 colher (sopa) de óleo de coco
1 xícara (chá) de aveia em flocos
2 colheres (sopa) de linhaça
4 colheres (sopa) de coco ralado flocado
1 colher e ½ (sopa) de mel
1 xícara (chá) de flocos de milho
½ xícara (chá) de uvas-passas



Modo de preparo:

Coloque na frigideira o óleo de coco, aveia em flocos, linhaça, coco ralado e refogue por 2 minutos misturando sempre até que a panela comece a dar leves pipocadas.

Junte o mel e cozinhe por mais 3 minutos ou até ficar levemente dourado e retire do fogo. Adicione os flocos de milho (quebre um pouco com as mãos) + ½ xícara (chá) de uvas-passas e misture bem.

Pode adicionar outros ingredientes como gergelim, frutas secas, aveia flocada grossa, nozes e castanhas. Se quiser fazer a versão de chocolate, adicione 2 colheres (sopa) de chocolate em pó.

Assim que esfriar coloque em um pote de vidro com tampa e mantenha em temperatura ambiente por até 30 dias ou mantenha na geladeira por 3 meses.

Para turbinar:

Pode acrescentar no iogurte, mingau, salada de fruta etc.

Salpicão de Frango

Ingredientes:

200g de iogurte natural
3 colheres de sopa de azeite
2 colheres de sopa de mostarda
100g de uva-passa
2 unidades de maçã em cubos
2 unidades de cenouras raladas
200g de peito de frango cozido
½ repolho pequeno
2 limões espremidos
Sal a gosto
Pimenta do reino a gosto



Modo de preparo:

Para o molho: Em uma tigela junte o iogurte, o azeite e a mostarda, misture bem e reserve. Jogue água quente no repolho para que ele murche. Em outra tigela, junte todos itens e coloque o molho. Sirva gelado.

A VOZ DO PACIENTE NA JORNADA DO TRATAMENTO

Dar voz ao paciente, compreendendo sua trajetória no tratamento oncológico para aprimorar continuamente a assistência em saúde, é um dos compromissos do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (Icesp)

A partir de uma diretriz do Planejamento Estratégico, a Diretoria Executiva da Instituição estruturou o Programa Experiência do Paciente, iniciativa que reforça a cultura de humanização e o lugar do paciente no centro do cuidado.

“Ao implantarmos o Icesp, em 2008, definimos entre as premissas institucionais o cuidado humanizado, a assistência qualificada, o ambiente seguro e o paciente como partícipe em todos os canais de contato com a Instituição. O Programa Experiência do Paciente surgiu do objetivo de unirmos ações desses quatro pilares já fortalecidos na cultura organizacional. A estratégia atual reforça esse compromisso ao integrar escuta com a análise de dados e a construção coletiva de soluções com base na percepção dos próprios pacientes”, destaca a diretora executiva do Icesp, Joyce Chacon Fernandes.

O Programa busca assegurar ao paciente e seu familiar um excelente acolhimento durante o tratamento para garantir que eventos indesejáveis não ocorram ou que estes sejam mitigados no decorrer da jornada do cuidado, buscando ainda alavancar valor em saúde por meio de uma assistência segura, humanizada e de qualidade.

“Estamos lidando com pessoas e não somente com a doença.”

A metodologia escolhida foi a criação do Grupo de Cuidado Centrado no Paciente (GCCP), com o objetivo de discutir e compreender a experiência do paciente ao longo de toda a sua jornada de tratamento. O GCCP reúne, de forma integrada, diferentes ferramentas voltadas à avaliação da satisfação quanto ao atendimento na Instituição.

Entre os instrumentos estão a Pesquisa NPS (*Net Promoter Score*), a Ouvidoria (canal oficial de comunicação com o paciente) e a Visita Gerencial Beira Leito, que já eram utilizados pelo Icesp. Também foram implementadas novas ferramen-

tas complementares, como o *Hospital Consumer Assessment of Healthcare Providers and Systems* (HCAHPS), o *Shadow Audit* e os Grupos Focais.

“Estamos lidando com pessoas e não somente com a doença. As grandes medidas sozinhas, não norteiam o todo, por isso a importância de uma assistência multidisciplinar. Depois de ouvirmos o paciente, podemos gerar rotinas de melhorias, pois ele é o maior parceiro na cons-

trução de um atendimento qualificado e humanizado”, afirma a diretora-geral de Assistência do Icesp e coordenadora do Programa, Maria Rita da Silva.

Conheça a estrutura do Programa e suas ferramentas

A Visita Gerencial Beira Leito, realizada pela Diretoria e Gerência Assistencial, trata-se do processo de visita ao paciente internado com a finalidade de ouvir e detectar alguma necessidade não atendida. Dessa forma, é possível identificar fragilidades e oportunidades relacionadas ao processo de cuidado que possam ser solucionadas imediatamente ou promover ações de melhorias futuras.

O cuidado centrado no paciente é um valor fundamental na área da saúde, segundo o *The Beryl Institute*. Essa abordagem traz diversos benefícios, como maior adesão ao tratamento, melhor desempenho em procedimentos e desfechos clínicos mais positivos. Um paciente engajado em seu próprio cuidado torna-se corresponsável pela própria saúde, o que contribui para uma jornada mais eficiente e humanizada.

Nesse contexto, o Grupo Focal tem como finalidade reunir os pacientes para a discussão qualitativa de processos ou produtos previamente identificados ou selecionados pelo GCCP.

“Para ter harmonia e gerar cocriação, temos de definir uma meta, que é prover o melhor

atendimento. Não podemos deixar de citar que, para um cuidado centrado, devemos olhar para o colaborador, garantindo assim que quem convive com o paciente todos os dias, também seja cuidado. Compreendendo as expectativas e as experiências de ambos, conseguimos mapear oportunidades de melhoria, mitigando não conformidades apresentadas e desenhando de forma conjunta, estratégias, planos de ação, entre outras etapas da jornada, criando uma cultura colaborativa, humanizada e centrada nas pessoas”, afirma Maria Helena da Cruz Sponton, gerente do Centro Integrado de Humanização do Icesp e responsável pela condução do Grupo Focal.

Uma dimensão importante a ser valorizada quando se mede a qualidade é a centralidade no paciente, como descrito em *Crossing the Quality Chasm* (2001), do *Institute of Medicine*. Ou seja, prestar serviços que respeitem e sejam responsivos às preferências individuais dos pacientes, suas necessidades e valores compreendendo primeiramente sua perspectiva para, posteriormente, dividir decisões engajando-os no seu processo de tratamento.

As ferramentas *Hospital Consumer Assessment of Healthcare Providers and Systems* (HCAHPS) e *Shadow Audit* reforçam a importância dessa





centralidade. Enquanto a primeira traz avaliação da qualidade do serviço hospitalar prestado e avaliação do paciente, a segunda acompanha toda a jornada de atendimento na Instituição justamente para identificar a sua experiência durante o tratamento, reforçando o cuidado centrado.

“O cuidado centrado na pessoa permite a construção de conhecimento e confiança, fazendo com que as expectativas, objetivos e metas do cuidado sejam ofertados pelos profissionais de saúde em conjunto com os pacientes e seus familiares”, ressalta Nilsa Mara de Arruda Yamanaka, gerente do Centro de Qualidade e Segurança do Paciente.

Além dessas ferramentas, instrumentos como a Pesquisa NPS e a Ouvidoria também contribuem de forma significativa para captar a percepção dos pacientes sobre o atendimento recebido.

A Pesquisa NPS, por exemplo, permite avaliar a qualidade do serviço prestado com base no grau de satisfação e a recomendação da Instituição. Trata-se de uma pesquisa que vai além da coleta das manifestações, no caso de respostas classificadas como detratoras, em que o paciente demonstra algum ponto negativo, elas são analisadas individualmente e tratadas de forma pontual. Já a Ouvidoria, canal oficial de comunicação com pacientes e acompanhantes, oferece espaço para relatos, sugestões e reclamações, ampliando a compreensão das necessidades individuais e coletivas dos pacientes.

“O cuidado centrado na pessoa permite a construção de conhecimento e confiança.”

Mônica Torihara Kinshoku, gerente da Ouvidoria e Relações Institucionais do Instituto e também responsável pela Pesquisa NPS, afirma que o esforço multidisciplinar contribui para melhorias. “A Ouvidoria é um canal de comunicação à disposição do paciente cuja missão é viabilizar que seus direitos sejam ouvidos e suas demandas pessoais e coletivas tratadas adequadamente no âmbito do hospital. Uma orientação sobre o atendimento vivenciado pode sanar as dúvidas e explicar de maneira assertiva sobre os protocolos da Instituição. Assim, não apenas recebemos e tratamos manifestações, como também somos um canal oficial que orienta sobre os serviços prestados no Instituto”, diz.

A partir dos resultados gerados pelo Centro de Qualidade e Segurança do Paciente, Centro Integrado de Humanização, Relações Institucionais e Diretoria Assistencial, o GCCP realiza fóruns mensais para apresentação de ações e definição de metas de melhoria no atendimento, que vão além da abordagem clínica e perpassam por aspectos emocionais, relacionais, sociais e organizacionais.

Ao estruturar o Programa de Experiência do Paciente, o Icesp reafirma seu compromisso institucional com a escuta qualificada, o cuidado humanizado e a excelência em saúde, como referência nacional no modelo de atenção oncológica centrado em pessoas. ■

TIRE SUAS DÚVIDAS

Quem responde às perguntas sobre visitas técnicas ao Icesp é Caio do Carmo Bordi, gerente do Núcleo de Ensino em Saúde (NES) do Icesp, e Felipe Godoy, coordenador da área.

O Icesp tem programa de visitas técnicas?

O Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (Icesp) está de portas abertas para receber representantes de hospitais, empresas, instituições e órgãos públicos e privados que desejam conhecer nossas áreas e processos. As visitas são acompanhadas por um profissional do Instituto.

Como é possível agendar visita técnica de representantes de hospitais, empresas e instituições?

Para solicitar uma visita é necessário preencher o formulário de solicitação disponível no site do Icesp (<https://icesp.org.br/visitas-tecnicas>), sendo importante que todos os campos sejam preenchidos, pois solicitações incompletas não serão consideradas. O Núcleo de Ensino em Saúde (NES) é o responsável por avaliar, encaminhar e providenciar a efetivação da visita. Após avaliação, o solicitante é contatado.

A visita técnica é gratuita?

Devido ao grande número de solicitações, a visita técnica poderá ter um custo operacional. Além disso, em caso de restrições específicas, a solicitação poderá não ser aprovada.

Qual é o prazo de resposta e confirmação a um pedido de visita técnica ao Icesp?

O prazo médio para avaliação da solicitação de uma visita técnica ao Icesp é de 15 (quinze) dias úteis.

As visitas técnicas podem ser feitas por estudantes?

Visitas de grupos escolares ou de estudantes de graduação não são permitidas. Também não são aceitas solicitações com finalidade pessoal ou aperfeiçoamento individual.

Estudantes podem visitar o Serviço de Radiologia do Icesp?

O Icesp está de portas abertas para receber interessados em conhecer as instalações e estrutura educacional dos setores da Radiologia e Diagnóstico por Imagem. A visita é voltada para alunos de cursos técnicos e de graduação em radiologia ou biomedicina e profissionais que atuam em radiologia. As visitas acontecem todas as últimas quartas-feiras do mês, conforme datas e horários indicados no formulário de inscrição disponível em um formulário específico. ■

CORRA PELA SAÚDE
**ICESP
RUN**
9ª EDIÇÃO

2025



PARTICIPE!

Vamos juntos pelo Instituto do Câncer do Estado de São Paulo!

30 DE NOVEMBRO

7h | Praça Charles Miller (Pacaembu)

5k | 10k

Percursos de corrida e caminhada
+ Bateria Kids (4 a 17 anos)



Aponte a
câmera do seu
celular para o
QR Code e
inscreva-se!



Faça sua inscrição no site: corridaicesprun.org.br

O resultado financeiro do evento é revertido ao desenvolvimento de projetos de assistência, ensino e pesquisa no Instituto

